



## ARTIGOS

### A Flor Do Amadurecimento:

### Experiências Sexuais Na Infância Em Narrativas De Homens Que Fazem Sexo Com Homens Na Região Metropolitana Do Recife-PE

Luís Felipe RIOS, *Universidade Federal de Pernambuco*

**Resumo:** O texto discute resultados de inquérito comportamental com 380 homens que fazem sexo com homens (HSH) e entrevistas narrativas com vinte dos respondentes do inquérito sobre experiências sexuais na infância. As primeiras experiências sexuais relatadas ocorreram na segunda infância e tinham o sentido de brincadeiras. Até os 12 anos, 46,8% dos respondentes relataram ter dado o *primeiro beijo* na boca, 46,3% realizado carícias mútuas (*sarração*) e 36,3% masturbação solitária (*punheta*). As práticas penetrativas (*sexo oral e anal*) tiveram menores frequências, concentrando-se por volta dos 12 anos. Nas narrativas, as práticas penetrativas estiveram relacionadas a um reposicionamento subjetivo, em que as crianças tinham mais consciência sobre os significados da sexualidade do mundo adulto, sentiam-se prontas corporal e subjetivamente (dominavam a *malícia*) para a realização do *tesão* com outros garotos, geralmente um *amigo* mais velho. A análise aponta para a centralidade das estilizações de gênero e de idade na formação de desejos e parcerias. Também chama atenção para as investidas estigmatizantes da família, vizinhança, igreja e escola, cujo efeito é expresso no sentimento de *confusão* e produz uma variedade de cicatrizes subjetivas, como depressão, ideações e tentativas de suicídio. Situações que pedem robustas ações de garantia dos direitos sexuais das crianças com práticas homossexuais e transgêneras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infância. Práticas homossexuais. Direitos sexuais. HSH. Homens.



## Introdução

Este trabalho analisa relatos de experiências sexuais na infância de homens que fazem sexo com homens (HSHs), de idades variando entre 18 e 51 anos, integrantes de redes de homossociabilidade da Região Metropolitana do Recife (RMR). Os dados foram coletados no âmbito de uma pesquisa etnográfica que buscou compreender a vulnerabilidade de HSHs à epidemia do HIV/AIDS.<sup>1</sup>

A relevância de abordar a sexualidade infantil em um estudo sobre vulnerabilidade de HSHs ao HIV se justifica pelo aumento do sexo desprotegido (GUIMARÃES et al, 2018), da prevalência (SPERHACKE et al, 2018) e das taxas de detecção do HIV entre HSHs adolescentes e jovens (BRASIL, 2017). Considerando o período de latência do HIV, muitos adolescentes (15-19 anos) – faixa de idade bastante afetada pelo crescimento dos indicadores sociais de infecção – devem estar se infectado na infância (RIOS, 2004).

Parker (1991) comenta sobre as brincadeiras sexuais entre garotos, chamadas de “meinha” ou “troca-troca”, presentes na infância de muitos de seus interlocutores, quer se identificassem como heterossexuais ou homossexuais. Green (2002), comentando a obra de Barbosa da Silva<sup>2</sup>, observa que quase todos dos setenta informantes do autor – homens que se identificavam como homossexuais, de classe média, não efeminados –, relataram suas iniciações sexuais entre oito e doze anos.

Em outro trabalho, observei que a diferença de idade é um elemento importante nos relacionamentos afetivos e sexuais entre os jovens HSHs entrevistados no Rio de Janeiro. Eles relataram que tiveram suas primeiras experiências eróticas entre cinco e 14 anos, sendo as de sexo anal penetrativo realizadas, em geral, com garotos de mais idade, chegando a diferença entre parceiros a ser de até 10 anos. Olhando caso a

---

<sup>1</sup> O projeto “Contextos sociais e marcações subjetivas na vulnerabilidade de homens jovens que fazem sexo com homens ao HIV/aids” vem sendo financiado pelo CNPq (processos 405259/2012-3, 470088/2013-3, 305136/2014-3, 310468/2018-3, 309265/2021-5), e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Além do CNPq, quero agradecer à equipe de estudantes-pesquisadores que participaram da coleta de dados, muitos deles contando com bolsa de iniciação científica da UFPE/CNPq e FACEPE.

<sup>2</sup> Dissertação de mestrado pioneira, realizada na década de 1950, que aborda a homossexualidade em São Paulo.



caso, as parecerias sexuais não configurariam, em sua maioria, violações de direitos sexuais das crianças e adolescentes, uma vez que os parceiros eram das mesmas faixas etárias. No entanto, os parceiros, muitas vezes, faziam sexo com outros homens mais velhos e/ou mais novos, podendo todos eles figurarem elos de cadeias de transmissão do HIV, no caso do sexo desprotegido (RIOS, 2004).

As experiências sexuais na infância não são exclusivas dos homens. Os números da “gravidez na adolescência”, pós-menarca, são eloquentes sobre isso (UNFPA-BRASIL, 2021). Do mesmo modo, a sexualidade infantil foi objeto de etnografias com jovens mulheres heterossexuais (QUEIROZ, RIOS, 2013; RIOS, QUADROS; 2019) e com crianças de ambos os sexos (RIBEIRO, 2003; QUEIROZ, 2013), na escuta de familiares e educadores (MAIA, SPAZIANE, 2010; COSTA, VENÂNCIO, 2015) e nos trabalhos sobre violência sexual contra criança (RIOS et al, 2009; VIEIRA, 2009; CHIRANDIA E NASCIMENTO, 2018).

Neste artigo dou relevo aos modos como os vários dispositivos institucionais (científicos, religiosos, ativistas etc.) descrevem “a verdade do sexo”; às maneiras pelas quais os sistemas de sexo-gênero produzem estilizações corporais que significam diferenças e complementariedades entre os corpos sexuados; e ainda aos regimes de eroticidade que situam os prazeres corporais - aquilo que dá *tesão* e faz *gozar* (PARKER, 1991). Inspirado em Butler (2003), defino estilizações como:

composições sociais, resultados estéticos e de expressividade do agenciamento de elementos corporais (constituição física, gestual, vestuário, adorno, sotaque, cheiro, gosto, textura etc.), os quais têm efeitos de enunciações de identidades. Assim, quando alguém é adscrito a uma estilização por uma configuração imagética, que emerge em dada interação, há a produção de sentidos (disposições, significados, valores, emoções) que vão mediar a ação .... (RIOS, 2020: 55)

As estilizações (de gênero, mas também de classe, raça, saúde etc.) são produzidas por meio de identificações que permitem a incorporação subjetiva das categorias e regras sociais, produzindo figurações, imagos - marcas mnemônicas sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, táteis e



gustativas), com forte carga afetiva (JUNG, 1985; FREUD, 2012; BUTLER, 2014). Cotidianamente, no confronto com novas imagens, essas imagens voltarão a ser acionadas, guiando as interações (RIOS, 2020).

Considerando a multivocalidade produzida pelos supracitados aparatos, neste artigo investigo os sentidos do sexual para além da sexualidade reprodutiva (pênis-vagina) e/ou penetrativa (pênis-anus/vagina), em geral concebidas no senso comum como os “verdadeiros atos sexuais”, dirigindo-me também para as “brincadeiras” (RIBEIRO, 2003; QUEIROZ, 2013) e ou “preliminares” (RIOS, no prelo.).

Assim, a partir das cenas sexuais descritas nos estudos mencionados, elaborei as estratégias metodológicas para dimensionar quantitativamente as primeiras experiências homossexuais de HSHs da RMR e aprofundar os sentidos que eles lhes atribuem.

## Metodologia

Os dados foram coletados na RMR, por meio de observação participante em espaços de homosociabilidade (2013-2021), 25 entrevistas com enfoque biográfico (2015), inquérito comportamental com aplicação de 380 questionários (2016-2017), 20 entrevistas temáticas com respondentes do questionário (2016-2017) e 40 entrevistas temáticas (2019-2021). Para este artigo, foquei na análise do inquérito comportamental e das entrevistas temáticas realizadas entre 2016-2017, em que participaram HSHs com idade igual ou superior a 18 anos (RIOS; ADRIÃO, 2022).

O inquérito investigou conhecimentos, atitudes e práticas relacionadas à sexualidade, HIV/AIDS, outras ISTs, violência e saúde mental. A amostra foi produzida pela técnica da referência em cadeia (VALENTE, 2010). Para garantir a heterogeneidade da amostra, esta foi iniciada por residentes em seis dos 14 municípios na RMR, que estavam entre os dez com maiores taxas de AIDS da região Nordeste (BRASIL, 2013a). Foram formadas dez redes de HSH, em que um entrevistado inicial indicava outros interlocutores (máximo de 7) e assim



sucessivamente. O inquérito foi aplicado por jovens homens estudantes de graduação em Ciências Humanas ou da Saúde (RIOS; ADRIÃO, 2022).

Os relatos sobre as práticas homossexuais na infância foram obtidos no âmbito de uma série de questões, apresentadas por meio da seguinte instrução:

Agora gostaríamos de saber sobre brincadeiras homossexuais na infância (até 12 anos). Elas são comuns de acontecer, embora na vida adulta não se fale muito sobre elas. Vamos mencionar algumas práticas e, caso você as tenha realizado pelo menos uma vez antes dos 12 anos, gostaríamos que você relatasse aproximadamente a sua idade quando fez pela primeira vez e, na sequência, a idade do seu parceiro. Caso não tenha realizado a prática que iremos mencionar, antes dos 12 anos, marque 00, caso não lembre, marque 88, caso não queira responder, marque 99.

Após as instruções, as questões foram apresentadas do seguinte modo:

44. Qual sua idade quando fez, pela primeira vez, masturbação (punheta) solitária? (antes dos 12 anos); 45. Qual a sua idade quando deu o primeiro beijo na boca? (antes dos 12 anos); 46. Qual a idade de seu parceiro quando você deu o primeiro beijo na boca? (antes dos 12 anos) (...)

Seguindo o mesmo padrão de formulação, na sequência perguntava-se por: “*carícias mútuas (sarro)*”; “*masturbação (punheta) a dois*”; “*sexo oral (boquete), chupando o pênis (pau) do parceiro*”; “*sexo oral (boquete), sendo chupado no seu pênis (pau) pelo/a parceiro/a*”; “*sexo anal ativo, penetrando (comendo) o ânus (cu) do parceiro*”; “*sexo anal passivo, sendo penetrado (comido) no ânus (cu) pelo parceiro*”; “*quando você praticou sexo com mais de duas pessoas (a três, suruba, em grupo)*”. Os resultados trabalhados no texto são as frequências e estatísticas básicas.

A maioria dos respondentes eram negros (65.5%) e sem religião (59.9%). A idade variou entre 18 e 51 anos (média de 24 anos). A escolaridade era alta, 64.7% afirmaram ter o curso superior (completo ou incompleto). Estavam desempregados 46.7% e o principal motivo para não trabalhar foi estar estudando, em treinamento ou realizando estágio (71.6%). A maior parte dos que estavam trabalhando recebia entre um e dois salários mínimos (41,3%). Do total de respondentes, 65% não tinham



namorado ou não viviam com alguém na ocasião da entrevista. Em relação ao estilo corporal de gênero, 31,8% se declararam efeminados, 23,3% másculos e 44,9% disseram que “não sabiam” se classificar (NSC). Em relação à posição sexual, 83,5% eram versáteis (incluindo mais passivos e mais ativos), 8,5% exclusivamente ativos e 8,0% exclusivamente passivos. Sofreram violência 32,9%, e 57,1% discriminação alguma vez na vida; 67,8% relataram depressão no último ano. (Tabela 1).

Também analisei entrevistas temáticas, com foco biográfico, de perspectiva narrativa, de 20 dos 380 respondentes ao questionário. Conforme Bruner (1990), as narrativas se constituem no momento em que algo desafia o canônico e há a necessidade de restituir uma ordem significativa. Por meio das narrativas se tem acesso à ligação entre o universo cultural, as normas sociais, e as idiossincrasias do sujeito. A estratégia para produzir narrativas foi a de conservar uma perspectiva histórica e tomar as questões de entrevistas como interpelações sobre a canonicidade das experiências dos interlocutores.

**Tabela 1: Perfil sociodemográfico dos respondentes do inquérito**

Categoria	n	%	Categoria	n	%
<b>Raça</b>			<b>Faixas de idade</b>		
Branca	95	25,2	18-25	287	75,6
Negra	247	65,5	26-30	81	21,3
Outras	35	9,4	Mais de 41	12	3,2
<b>Total</b>	<b>377</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>380</b>	<b>100,0</b>
<b>Religião</b>			<b>Escolaridade</b>		
Católica	84	22,3	Fundamental*	40	10,5
Outras religiões	17	4,5	Médio **	94	24,7
Sem religião	226	59,9	Superior *	246	64,7
<b>Total</b>	<b>377</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>380</b>	<b>100,0</b>
<b>Situação Laboral</b>			<b>Estilo corporal</b>		
Empregado	178	47,0	Efeminado	120	31,8
Empregador/autônomo	24	6,3	Másculo	88	23,3
Não trabalha	177	46,7	Não sabe	169	44,6
<b>Total</b>	<b>379</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>377</b>	<b>100,0</b>
<b>Posição sexual</b>			<b>Situação conjugal</b>		
Exclusivamente passivo	30	8,0	Vive com homem	33	9,0
Versátil mais passivo	85	22,7	Namora com um homem	95	25,0
Versátil	163	43,5	Namora com uma mulher	3	1,0
Versátil mais ativo	65	17,3	Solteiro	248	65,0
Exclusivamente ativo	32	8,5	<b>Total</b>	<b>379</b>	<b>100,0</b>
<b>Total</b>	<b>375</b>	<b>100</b>			
<b>Violência por orientação sexual</b>			<b>Discriminação por orientação sexual</b>		
Sim	125	32,9	Sim	217	57,1
Não	255	32,9	Não	163	42,9
<b>Total</b>	<b>380</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>		
<b>Depressão no último ano</b>					
Sim	257	67,8			
Não	122	32,2			
<b>Total</b>	<b>379</b>	<b>100</b>			

\* Completo e incompleto; \*\* Completo.

Fonte: Elaboração Própria.





As entrevistas abordaram, dentre outros temas, as primeiras experiências sexuais dos respondentes, foco de minha discussão neste texto. Elas foram conduzidas por jovens mulheres, estudantes de graduação em Psicologia. Para garantir o sigilo e anonimato, utilizo nomes fictícios para me referir a eles. Alguns dados sociodemográficos dos interlocutores, retirados do inquérito, estão no Quadro 1.

**Quadro 1: Dados sociodemográficos dos entrevistados**

Nome	Idade	Cor	Gênero	Posição sexual	Instrução
Humberto	19	Parda	Não sabe	Versátil/Passivo	Superior incompleto
Durval	24	Indígena	Efeminado	Versátil	Pós-graduado
Paulo	23	Preta	Efeminado	Versátil	Técnico incompleto
Leandro	36	Branca	Não sabe	Versátil/Ativo	Superior incompleto
Rafael	20	Amarela	Efeminado	Versátil/Passivo	Superior incompleto
Roberto	20	Preta	Não sabe	Versátil	Superior incompleto
Luís	22	Preta	Efeminado	Versátil	Superior incompleto
João	26	Preta	Efeminado	Versátil/Passivo	Fundamental
Guilherme	20	Parda	Não sabe	Versátil	Superior incompleto
Miguel	18	Preto	Másculo	Versátil	Superior incompleto
Marcel	38	Branca	Não sabe	Versátil/Ativo	Médio completo
Juliano	21	Branca	Não sabe	Versátil/Ativo	Superior incompleto
Genilson	25	Preta	Não sabe	Ativo	Superior incompleto
Marcílio	26	Preta	Não sabe	Versátil	Superior incompleto
Marcelo	19	Amarela	Não sabe	Versátil	Superior incompleto
Davi	18	Branca	Másculo	Versátil/Ativo	Superior incompleto
Celso	24	Preta	Não sabe	Versátil	Superior
Canindé	39	Parda	Não sabe	Versátil/Ativo	Superior incompleto
Giorgio	28	Parda	Efeminado	Passivo	Superior
Márcio	21	Parda	Não sabe	Versátil/Passivo	Superior incompleto

Fonte: Elaboração Própria.



Na análise das narrativas, fiz dois movimentos: 1) uma busca pelos principais núcleos temáticos, categorias êmicas e marcadores das experiências sexuais na infância (RIOS e ADRIÃO, 2022); 2) uma análise por entrevista (BLANCHET, GOTMAN, 1992), que procurou pelas inflexões no curso de vida sexual dos interlocutores, nos significados sobre sexualidade e em relação a si mesmos e aos contextos de desenvolvimento por onde transitavam (família, vizinhança, igreja, escola) (ELDER, 1998).

A seguir, na seção de resultados, apresento episódios narrativos de cinco dos 20 interlocutores. Entendi que apenas apresentar os núcleos de significação subtrairia as possibilidades de melhor exibir as inflexões nos cursos de vida. Assim, “Vontade de estar junto” enfatiza a produção de vinculações e emoções na formação das parcerias sexuais; “Criança *veada*” foca nas estilizações de gênero e como engendram desejos e parcerias sexuais; “Será que Paulo é gay?” também aborda gênero, mas a tônica recai na estigmatização que afeta mais fortemente os homens femininos; “Flor do amadurecimento” apresenta a teoria nativa de desenvolvimento sexual infantil; “Foi a pior parte da minha vida” aborda uma segunda nuance dos processos de estigmatização, com ênfase nas crenças religiosas cristãs. Os resultados quantitativos são apresentados ao final, em “Pega-se-esconder”, dimensionando as práticas sexuais elencadas nas entrevistas.

As “Discussões” são organizadas a partir de três eixos: a formação das práticas e parcerias sexuais na infância; as cenas de violência e como afetam a subjetividade dos HSH; as emoções presentes nas experiências sexuais. Finalmente as “Considerações finais” se dirigem para pensar a garantia de direitos sexuais na infância.

## Resultados

### “Vontade De Estar Junto” – Giorgio

Giorgio (28 anos, pardo, efeminado, passivo) descreve o início das experiências sexuais na segunda infância como uma “*vontade de estar junto*”, qualificada como “*apaixonamento*”. Sua primeira lembrança sobre o tema é a de ter comentado para a mãe, no momento de dormir, que estava apaixonado por um amigo da escola:





Foi, incrível, eu não tive a percepção, mas falei a noite. Eu não sei nem se eu sabia o que era estar apaixonado. Eu tinha 5 anos talvez, bem no início da vida escolar (...). Depois dele (...) fiquei com uns amiguinhos da escola – assim, não fiquei sexualmente falando, mas... Aí já foi 8, 9, 10 anos. Aí também fiquei apaixonado por outro menino da escola, que era Juca. E era uma relação bem afetiva mesmo, não era sexual nem nada. Ele era a pessoa mais linda do mundo pra mim.

Giorgio só se referiu a contatos corporais caracterizados como sexuais na idade dos 12 anos. Sobre a “primeira vez”, comenta o planejamento e as dificuldades para que o encontro acontecesse: *“Tentou de primeira, não deu certo; eu não tinha essa mobilidade toda de ir pra casa dele, ele não podia ir na minha.”*. Mas, em certa ocasião, *“eu estava passando na rua da casa dele, não tinha ninguém em casa, coincidiu e pronto”*.

Mantive (relacionamento por) um tempo com um amigo, filho de uma amiga de trabalho de minha mãe. Por um bom tempo. Não era afetivo, era bem sexual mesmo. Foi bem mais sexual que afetivo, rolava um certo problema da parte dele. Assim, que eu era a pessoa errada, que ele gostava da minha irmã. Era totalmente confuso.

Giorgio também comenta sobre as diferenças de idade entre parceiros e implicações de poder:

... a gente tem problemas de meninos mais velhos assediarem meninos mais novos e, às vezes, (os mais novos) não querem. Mas ele (o mais velho) pode contar a sua família que você é gay; aos 12 anos. Então, é bem problemática, assim, a situação. Ele tem, de certa forma, um poder por ser mais velho.

### **“Criança Veada” – Marcelo**

Marcelo (19 anos, amarelo, NSC, versátil) era, como ele próprio disse, uma *criança veada*:

Eu tenho certeza de que essa questão da minha sexualidade sempre foi visível desde pequeno. (Por que?) Porque olhando fotos e tal, alguns vídeos que tinham em casa, eu percebo que já era aquela criança meio *veada*, que já sentava com a perna cruzada, fazendo pose; queria tá fazendo aula de dança, aula de teatro – não que isso influenciasse, mas tipo, pra estar me mostrando mesmo, pra estar me abrindo pro mundo, pra não tá me fechando numa caixinha.



Ele comenta que com 5/6 anos já se sentia atraído pelos amigos do tio. A “veadice” surge no contexto dele se desdobrar para chamar-lhes atenção, numa identificação com personagens femininos que seduziam os galãs televisivos:

O meu tio ele tinha um estúdio de música em cima da nossa casa e aí sempre tinha uns amigos dele que estavam, iam lá. E eu me sentia atraído por aqueles homens. (...) Eu ficava procurando ficar perto daquelas pessoas pra ver se elas interagiam comigo. (...) “Me notem, me notem” (...). Então, era bem esse jogo.

A mesma coisa com as novelas e filmes que eu assistia. Eu via aquele personagem principal ou aquele personagem do mocinho, achava ele lindo. Não entendia por que eu o achava bonito mais do que a personagem feminina. (...) Fantasias infantis que eu acho que são necessárias pra você ir construindo quem você é, sabe?

Marcelo descreve algumas das brincadeiras sexuais que tinha com os primos e com um colega da escola:

Aquela coisa da gente tá assim, brincando, esconde-esconde, umas pessoas próximas. Assim, só os meninos escondidos no mesmo lugar, aquele negócio de: “Olha o meu pau!”, “Toca aqui?”, “Vê isso...”, “O teu é assim?”, “Menino, olha como ele tá?”, “Olha, ficou duro, que interessante!” (risos).

A gente se abaixou no banco do ônibus, ele fez: “Eu descobri uma coisa nova. Abaixa tua cueca. A gente coloca a boca lá no pau.” Aí tipo, eu fiz: “E é? Vamos fazer!” Aí eu fiz e tipo só que não tinha nada, tipo, não tinha ficado nem duro, nem nada, mas tipo, coisas que crianças ouvem e não sabem porque, mas querem reproduzir de alguma forma.

Ele faz a distinção entre dois tempos das experiências sexuais na infância: “quando a gente foi ficando mais velho, foi entendendo melhor como que funcionava essa questão do corpo, do desejo e tal. A gente brincando de tipo, ‘Ah, pega aqui no meu pau!’, ‘Ah, vamos bater uma punheta aqui todo mundo junto?!’”. Entretanto, por mais discernimento que se tenha, essas experiências do final da infância, são, para ele, incapazes de definir posicionamentos identitários sexuais: “(...) são todos meninos brincando de coisas de menino. Então, ninguém é gay ou é hétero, ou é bissexual. São corpos.”

Da *criança veada* de sua autodescrição, vejamos como descreve os meninos com quem se envolvia sexualmente:



O colega da escola? Eu lembro bem que ele era negro, mas os vizinhos? Negro, e não tinha esse estereótipo. Ele era negro, gordinho, ele não tinha esse estereótipo ou da *bichinha* ou do *cafuçuzinho*.<sup>3</sup> Ele era tipo, normal, uma criança normal. Mas, os primos, eles já tinham esse traço mais brusco, mais *cafuçu*, mais forte, mais definido. Assim, eram *meninos mesmo*, homens. Pequenos homenzinhos. Não tinham nenhum estereótipo que desviasse ou que fizesse você imaginar que eles estavam tendo aquelas atitudes por alguma outra coisa.

## “Será Que Paulo É Gay?” – Paulo

Paulo (23 anos preto, efeminado, versátil) conta que desde criança brincava de boneca com as primas e tinha trejeitos femininos.

Nunca quis brincar de futebol com os meus primos. Nunca fui de tá com os homens, entendeu? A única coisa que eu queria ficar com os homens era quando era pra fazer aquela coisa de esfrega-esfrega que os meninos fazem, entendeu?

Eu fazia só que eu, eu via que aquilo era errado. É, e pra mim aquilo era errado porque as pessoas me, me mostravam que era isso, né? Praticar esse ato era uma coisa abominável. E eu fazia, eu gostava, não vou mentir que eu gostava. Mas eu tinha aquela sensação de que se alguém descobrisse eu ia apanhar, eu ia sofrer, eu ia ficar de castigo, alguma coisa.

Paulo se queixa das situações de discriminação e violência que sofria na escola e na vizinhança por ser efeminado: “*Todo mundo se dizia meu amigo, né? Mas, assim, sempre tem aqueles rumores de: “Será que Paulo é gay?” [Fica fofocando, né?] Isso! Essas coisas vão marcando a gente.*”. Ele rememora o esforço que fazia para não ser notado:

(...) eu fazia o possível pra... Tipo, gay balança muito os braços, rebola; (o que) eu fazia? Eu andava reto, aquela coisa. Pra ninguém desconfiar. Então, quando eu os via conversando, falando essas coisas, eu dizia: “Poxa, não tá funcionando o que eu estou fazendo.”

Mas, entre aquelas pessoas que o xingavam estavam aqueles com quem teve suas primeiras experiências sexuais: “*Na rua da minha avó, eu ficava com todos os meninos. Mas quando todos se juntavam, eu era o que era mangado. (...) Eles eram os machões, entendeu? Porque*

<sup>3</sup> *Bichinha* aqui tem o sentido de efeminado. *Cafuçu* é o homem masculino, não gay identificado, pardo ou preto, pobre, cf. RIOS (no prelo).



*pegavam menina, mas por trás tinham coito safado com outros meninos e comigo, entendeu?”.*

## “A Flor Do Amadurecimento” - Miguel

Miguel tinha 18 anos na ocasião do inquérito e 19 quando narrou episódios de seu percurso de vida sexual. Ele é preto, descreveu-se como másculo e passivo na ocasião do inquérito, mas na entrevista se colocou de modo diferente: *“não sou totalmente masculino. Tem hora que eu quero ser masculino, mas tem hora que eu gosto de dar pinta, eu gosto de ser feminina sim!”.*

Quando eu era pequeno, a gente sempre brincava de pega. Pega-se-esconder pra o homossexual é muito importante no começo. Eu não sabia beijar. A gente aprende ali, com baba, eu não sabia. Eu pegava no material genital dos meninos, era bem... Eu gostava, era a coisa que eu mais amava, brincava. (...) Aí, a gente ia do nada, ia lá. Ah meu primo Carlos! Chamava ele, a gente ficava se beijando. Aí eu o beijava. Beijava, beijava, beijava (...). Isso foi com 9 anos. E fazia outras coisas também, né? Mas, a gente não sabia fazer nada direito. (...)

Miguel completa dizendo que nessa fase não tinha noção das implicações para saúde sexual das práticas que realizava com os primos. *“O que a gente queria era brincar, era safadeza mesmo, a gente não estava preocupado com essas coisinhas (doenças), a gente era criança.”.*

Se as cenas narradas acima, quando tinha 8/9 anos, possuíam o tom de *brincadeira*, em alguns poucos anos, e sem deixar de sê-lo, os sentidos se deslocam. Vejamos a cena que ele narra como sendo sua primeira vez, ocorrida aos 11 anos de idade:

11:30, (...) eu ia pra escola. (...) tomei um banho, e me enrolei na toalha.

Eu me enrolei na toalha e fui pra sala assistir (TV). Mas, eu me cobri só na parte de cima, e esqueci que a porta estava aberta. (...) Eu lá nu. (De costas para a rua) (...) rindo da cena de cinderela<sup>4</sup> lá, e não estava nem aí pra porta. Daqui a pouco, aquele negócio no portão,

<sup>4</sup> Personagem de um ator gay, transformista, protagonista do programa “O papeiro da Cinderela”, veiculado na TV Jornal/SBT. O programa é caracterizado por usar de linguagem e imagéticas da cena gay popular da RMR. O uso do termo papeiro no título do programa é uma paródia ao programa Caldeirão do Huck (TV Globo). Papeiro, no sotaque gay pernambucano, significa bunda ou cu.



“tá, tá, tá”, batendo o portão. Quando eu olho pra trás, quem tá lá no portão? Meu primo. Meu primo Fernando, no portão. Sendo que quando eu olhei pro portão, ele olhou tão sexy pra mim, tão sexy mesmo. Nessa época ele tinha 13 anos, não era tanta diferença. Eu já tinha mais noção, já era muito esperto, visse? Assim, já estava na flor do amadurecimento.

Então, ele olhou pra mim e fez uma cara... Mordeu os lábios, como quem quisesse alguma coisa comigo. Eu olhei pra ele e perguntei: “O que é que tu queres, menino?” Aí ele disse: “Tu estás nu aí na porta e ainda pergunta o que eu quero, não quer que eu não fale nada?”

Eu pedi desculpas e me cobri. Ele disse: “Abre aqui a porta.” (...) Disse que estava de rola dura. Eu disse: “Menino, vai te cuidar... Eu vou pra escola. Em nome de Jesus...” Eu era evangélico, né, mas meu “em nome de Jesus” foi tão assim, era um: “Entra aqui pelo o amor de Deus!” (Risos).

Mas aí eu disse: “Não! Vai pra tua casa!” E ele disse “É sério, é sério, é sério!” Eu disse: “Deixa eu pelo menos colocar a cueca, pra tu entrar e tu se conter aqui dentro. Pra passar essa vontade tua louca, e tu poder ir pra tua casa.” Eu abri.

Eu era muito safado também, era muito maldoso. Mesmo com a toalha coberta, eu estava sem cueca ainda. Eu peguei, abri, deixei ele entrar e fechei o portão. (...) Eu fechei a porta de baixo e a de cima, pra ninguém entrar. (...) Eu fui lá dentro e coloquei a cueca, e quando eu volto, ele já estava sem roupa. “Menino, o que é isso?” Ele disse: “É sério, estou muito afim de tu!” Eu fiz: “Putá que pariu, vem cá, vem!” E puxei ele. Quando puxei ele a gente começou a se beijar. Foi a minha primeira vez de tudo! Inclusive foi até sem camisinha. Foi a primeira vez de tudo. Sabe aquele momento que eu tinha tanto tesão em fazer alguma coisa? Era tanto tesão que eu tinha, era tanta vontade, era tanta vontade, tanto que eu não fui pra escola nesse dia. Foi o primeiro dia de tudo, então eu estava louco. Eu estava faminto de sexo.

No início da narrativa sobre a primeira vez ele abre um longo parêntese para se descrever fisicamente aos 11 anos, um elemento importante para sinalizar sua posição de gênero, a capacidade de produzir desejo nos homens masculinos e a própria prontidão para o sexo: *“eu sempre fui corpudo, (...) quando eu era pequeno meu corpo era desenhado mesmo, era corpo de menina, eu tinha cintura, só não tinha vagina, entendeu? (Risos).”*



## “Foi A Pior Parte Da Minha Vida” – Marcílio

A narrativa de Marcílio (26 anos, preto, NSC, versátil) é eloquente sobre o impacto do estigma na construção da sexualidade e na organização subjetiva de crianças e jovens. Ele relata que as brincadeiras não sexuais se davam mais com as meninas do que com os meninos. Explica: *“Hoje eu olho pra trás e vejo me atraindo por homens, mas exatamente eu não sabia quando era criança, o que era exatamente aquilo, acho que não tinha ciência.”*

*Confusão* que, conforme nosso interlocutor, só tendeu a se complicar com o galgar das idades (“8, 9, 10”) e o aumento do que ele denomina *discernimento*: ou seja, da consciência do lugar da (homos)sexualidade na hierarquização sociossexual:

Você sempre vê a família falando de forma muito pejorativa a questão da homossexualidade. E cada vez mais você vai se retraindo em relação a isso. Eu lembro muito de quando era criança, meu pai dizer: “Anda que nem homem!”, “Fala como homem!”. (...) E também meus irmãos, amigos de rua de chamar: “Ah, porque é viadinho!” E aí, quando eu entro, tipo, na pré-adolescência, já com uns 13 anos, que aí você já começa com aqueles desejos, exatamente com desejos e tal. Eu ficava: “Meu deus, o que é isso?” Você fica confuso: “que é que tá acontecendo comigo?”

A minha primeira relação sexual foi com 14 anos, 13/14 anos, mas foi com uma mulher e tal, e com uns 15 anos eu entrei na igreja, tá ligado? Eu estava na igreja e aí foi a pior parte da minha vida, tá ligado? (...) Porque onde os conflitos se intensificaram. (...) Eu lembro quando estava na igreja, tipo “Caralho, eu tenho que me curar disso!” (...) Fazia jejuns e oração dentro da igreja que era pra me curar daquilo, tá ligado? E assim foi bem *trash*. Dezesesseis anos, mesmo, eu pensava sempre em me matar (...). Dentro de casa painho vivia falando coisa de gays e tal, (...) “Que era um desgosto pra família”.

Eu não tinha nenhum amigo que eu pudesse conversar, dentro da igreja, e não tinha nenhum amigo fora da igreja que pudesse conversar. (...) Era bem foda porque não tinha como você. A referência que eu tinha realmente era que aquilo era errado, pelo que eu ouvia dentro da igreja tudo isso. E eu só começo a me soltar mais, sei lá, quando eu saio da igreja, com quase 18 anos, que foi quando eu tive a primeira relação com um cara. (...) E a partir daí comecei a me distanciar da igreja.





## “Pega-Se-Esconder”

Muitos de nossos interlocutores das entrevistas tiveram suas primeiras experiências na infância com meninas. Certamente se formulássemos a pergunta do inquérito de modo mais aberto (experiências sexuais) teríamos maiores percentuais de ocorrências das práticas elencadas. Ainda assim, os relatos sobre ‘as primeiras-vezes até os 12 anos’ foram bastante expressivos.

A brincadeira de “se esconder” foi a principal ambiência para muitas das práticas sexuais na infância, com relevo para o *beijo na boca*, que no inquérito foi mencionado por 46,8% dos respondentes e a *sarração*, mencionada por 36,8% dos respondentes. A masturbação (*punheta*) solitária não emergiu espontaneamente nas entrevistas, mas foi mencionada por 46,3% dos respondentes - a segunda prática mais recorrente. As idades medianas dos respondentes foram, respectivamente, 10, 10 e 11 anos, e a dos parceiros 10 e 11 anos, como mostra a tabela 2.

**Tabela 2: Relatos sobre realização de práticas sexuais antes dos 12 anos, mediana e mínima e máxima das idades pessoais e dos parceiros**

Prática sexual	Realizaram		Sobre os respondentes		Sobre os parceiros	
	n	%	Idade Mediana	Idades Mín./Máx.	Idade Mediana	Idades Mín./Máx.
Beijo na boca	178	46,8	10	4-12	10	4-35
Masturbação ( <i>punheta</i> ) solitária	176	46,3	11	3-12	-	-
Carícias mútuas ( <i>sarração</i> )	138	36,3	10	4-12	11	4-35
Masturbação ( <i>punheta</i> ) a dois	60	15,8	11	4-12	11,5	7-30
Oro-peniana insertiva ( <i>boquete, sendo chupado</i> )	59	15,5	10	6-12	12	6-35
Oro-peniana receptiva ( <i>boquete, chupando</i> )	42	11,1	11	6-12	12	6-35
Anal receptiva ( <i>ser comido</i> )	33	8,7	10	6-12	13	7-28
Anal insertiva ( <i>comer</i> )	14	3,4	11	7-12	11	7-20
Com mais de duas pessoas ( <i>à três, em grupo, suruba</i> )	5	1,3	11	8-12	13	13-18

Fonte: Elaboração Própria.



As práticas menos relatadas foram *punheta* a dois (15,8%), sexo oro-peniano insertivo ou *ativo* (*ser chupado*) (15,5%), sexo oro-peniano receptivo ou *passivo* (*chupar*) (11,1%), sexo anal-peniano receptivo ou *passivo* (*ser comido*) (8,7%), sexo anal-peniano insertivo ou *ativo* (*comer*) (3,4%) e o sexo com mais de duas pessoas (*em grupo*, *suruba*, *sexo a três*) (1,3 %) (Tabela 2).

As idades do *primeiro beijo na boca* variaram entre 4 e 12 anos, de modo que 21,3% relataram tê-lo feito entre 4-7 anos, 26,4% entre os 8-9 anos e 52,2% entre 10-12 anos. A *punheta* solitária tende a ter sua maior concentração de “primeiras vezes” entre 11 (24,4%) e 12 (36,9%) anos. *Sarrações* também vão se concentrar nas idades mais tardias da terceira infância, 59,4% dos casos foram relatados entre 10 e 12 anos (Tabela 3).

No *beijo na boca* e no *anal ativo* (*comer*) as idades medianas dos entrevistados e dos parceiros foram as mesmas, 10 anos e 11 anos, respectivamente. Na *sarração*, as idades medianas dos respondentes e parceiros foram 10 anos e 11 anos; na *punheta* a dois, 11 anos e 11,5 anos. Nas práticas sexuais de *dar o cu*, *boquete ativo* e *em grupo*, as idades medianas dos parceiros apresentam as maiores diferenças, respectivamente, 10 anos e 13 anos; 10 anos e 12 anos e 11 anos e 13 anos (Tabela 2).

**Tabela 3: Idades dos respondentes quando realizaram as práticas sexuais pela primeira vez (até os 12 anos)**

Práticas sexuais	Idades dos respondentes											Total
	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12		
Beijo na boca	%	0,0	1,1	5,6	9,0	5,6	10,7	15,7	19,1	15,7	17,4	100,0
	n	0	2	10	16	10	19	28	34	28	31	178
Masturbação	%	0,6	0	0,6	1,1	1,7	4,0	11,4	19,3	24,4	36,9	100,0
	n	1	0	1	2	3	7	20	34	43	65	176
Carícias mútuas	%	0,0	0,7	2,2	8,0	5,8	8,7	15,2	21,0	19,6	18,8	100,0
	n	0	1	3	11	8	12	21	29	27	26	138
Masturbação a dois	%	0,0	1,7	0,0	5,0	1,7	3,3	8,3	25,0	25,0	30,0	100,0
	n	0	1	0	3	1	2	5	15	15	18	60
Oro-peniana receptiva	%	0,0	0,0	0,0	8,5	3,4	10,2	22,0	8,5	22,0	25,4	100,0
	n	0	0	0	5	2	6	13	5	13	15	59
Oro-peniana insertiva	%	0,0	0,0	0,0	9,5	2,4	2,4	9,5	11,9	23,8	40,5	100,0
	n	0	0	0	4	1	1	4	5	10	17	42
Anal receptiva	%	0,0	0,0	0,0	3,0	3,0	9,1	21,2	15,2	24,2	24,2	100,0
	n	0	0	0	1	1	3	7	5	8	8	33
Anal insertiva	%	0,0	0,0	0,0	0,0	7,1	14,3	0,0	14,3	28,6	35,7	100,0
	n	0	0	0	0	1	2	0	2	4	5	14
Com mais de duas pessoas	%	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	20,0	0,0	0,0	40,0	40,0	100,0
	n	0	0	0	0	0	1	0	0	2	2	5

Fontes: Elaboração Própria.



Considerando as variações das idades dos parceiros, em alguns casos, há grandes diferenças de idade, em que podemos observar relatos sobre jovens e adultos se relacionando sexualmente com crianças. No *beijo na boca*, 10 respondentes relataram tê-lo experienciado com homens entre 16 e 35 anos, o que corresponde a 6,6% dos respondentes que realizaram a prática; 12 (7,9%) o fizeram com garotos da faixa entre 13 e 15 anos. No *boquete passivo*, 15 (30,4% dos) respondentes que relataram a prática a fizeram com homens classificados nas faixas de idade compreendidas entre 16-35 anos. No *boquete ativo*, 6 (16,2% dos que a relataram) o fizeram com homens de idade entre 16-35 anos. Em relação ao sexo *anal passivo*, 6 (24% dos que a relataram) o realizaram com homens na faixa dos 16-18 anos, 2 (8%) na dos 19-35 anos. Na prática de *sexo anal ativo*, 2 (15,4% dos que a relataram) a fizeram com parceiros classificados na faixa dos 16-18 anos e 1 (7,7% dos que relataram) com parceiros classificados na faixa dos 19-21 anos (Tabela 4).

**Tabela 4: Idades dos parceiros dos respondentes quando realizaram pela primeira vez as práticas sexuais (até os 12 anos)**

Práticas sexuais	Idades dos parceiros sexuais dos respondentes										
		4/6	7/9	10/12	13/15	16/18	19/21	22/24	25/27	28/35	Total
Beijo na boca	%	14,3	25,4	45,7	7,9	3,3	1,3	0,0	0,0	2,0	100,0
	n	22	39	70	12	5	2	0	0	3	153
Masturbação individual	%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	n	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Carícias mútuas	%	4,1	28,9	47,1	11,6	5,0	0,0	0,0	0,0	1,6	100,0
	n	5	35	57	14	6	0	0	0	2	121
Masturbação a dois	%	0	28,0	50,0	20	8,0	2,0	0,0	0,0	2,0	100,0
	n	0	9	25	10	4	1	0	0	1	50
Oro-peniana receptiva	%	4,1	12,2	38,7	14,3	18,3	4,1	2,0	0,0	6,0	100,0
	n	2	6	19	7	9	2	1	0	3	49
Oro-peniana insertiva	%	5,4	10,8	51,3	16,2	5,4	2,7	0,0	0,0	8,1	100,0
	n	2	4	19	2	2	1	0	0	3	37
Anal receptiva	%	0,0	12,0	36,0	20,0	24,0	4,0	0,0	0,0	4,0	100,0
	n	0	3	9	5	6	1	0	0	1	23
Anal insertiva	%	0,0	23,1	46,2	7,7	15,4	7,7	0,0	0,0	0,0	100,0
	n	0	3	6	1	2	1	0	0	0	13
Com mais de duas pessoas	%	0,0	0,0	0,0	66,7	33,3	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
	n	0	0	0	2	1	0	0	0	0	3

Fontes: Elaboração Própria.

Cenas que podem ser consideradas violência sexual também apareceram nas narrativas. Miguel conta que, depois da “primeira vez de tudo” com o primo, *ficou* com homens da igreja onde congregava:



Depois da primeira vez veio os irmãos da própria igreja, né? Inclusive tem muito pastor que tem que se revelar... Os pastores de 25 anos, uns diáconos de 42 anos, que eu percebia que tinham o corpão, e que eu orava pra deus me dar eles. Eu juro a você, toda vez que eu ajoelhava na igreja, eu orava pro irmão do lado. Olhava um tal de Erivaldo, ele é (...) negro perfeito, perfeito, perfeito, lindo, lindo, lindo, lindo. E eu toda vez que ia pra igreja procurava sentar sempre perto dele. “Abraça seu irmão” e eu abraçava meu irmão, que era Erivaldo, né? Orava por ele, abraçava mesmo, pegava mesmo, por que ele era o irmão... (...) [Tu conseguiste ficar com ele?] Consegui. [Mais de uma vez?] Não, só uma vez mesmo.

Luís (22 anos, preto, efeminado, versátil) relata que sua primeira vez aconteceu com um tio. Embora não revele a idade do parente, ao que parece era um homem adulto:

Na verdade, eu tinha de 13 pra 14 anos, eu convivia muito com meu tio na época, que era homossexual. A família aceitava, tudo mais. (Aham.) Mas eu passava por uma fase de transição, né? Eu tinha alguns trejeitos, eu por dentro sabia, mas eu não me aceitava. A descoberta mesmo foi aos 15 anos, quando eu me relacionei com ele (com o tio) e foi a certeza.

## Discussão

### Práticas E Parcerias Sexuais

Os resultados do inquérito mostram que experiências sexuais antes dos 12 anos são bastante comuns. Os resultados dimensionam quantitativamente ocorrências, considerando também as idades medianas dos respondentes e dos parceiros, e corroboram os achados de outras pesquisas sobre primeiras experiências e idades (dos participantes das pesquisas e dos seus parceiros) (PARKER, 1991; RIOS, 2004; RIBEIRO, 2003; QUEIROZ, 2013).

As narrativas permitiram compreender o aprendizado da sexualidade. Em meio às *brincadeiras de safadeza*, ambiência para *beijos na boca* e *sarrações* do final da segunda infância, começa a surgir uma maior consciência dos significados atribuídos pelos adultos à sexualidade. Por volta dos 12 anos há como que uma reorganização subjetiva.

Doze anos também é um marco importante nas crenças sobre a sexualidade feminina e carreira reprodutiva no senso comum brasileiro. Rios et al (2009) observam que um dos entraves para o combate à



exploração sexual de meninas no Sertão do Araripe pernambucano estava relacionado ao entendimento da menarca como prontidão – corporal e moral – para o sexo, de modo que as garotas envolvidas nas redes de exploração sexual eram concebidas como tendo capacidade de consentir sobre sexo – diferentemente do que regula o Estatuto da Criança e Adolescente. Este entendimento também foi encontrado entre conselheiros/as tutelares do Recife-PE (VIEIRA, 2009).

Ainda sobre teorias de desenvolvimento sexual do senso comum, Miguel pontua alguns indicadores de “amadurecimento” para que a “flor” (sexualidade) brote e desabroche: reconfiguração de atributos corporais (o *corpão*), maior desenvoltura com as práticas mais básicas do sexo (*beijar e sarrar*), *maldade/malícia* (capacidade de compreender e se insinuar eroticamente), consciência sobre o tema da capacidade de consentir. É nesse contexto que a vontade pelo sexo penetrativo (especialmente o anal) assume centralidade, expressa, por exemplo, na atribuição do “tudo” àquilo que ele considerou “primeira vez” – afinal, que mais faltava para completar o “tudo” se não penetrações na boca e no ânus? Penetração anal que também foi assinalada pela menção ao não uso da camisinha.

Miguel tinha 11 anos e o primo 13 anos. Observamos diferenças (6 meses a um ano), para mais, entre idades medianas dos parceiros e de nossos respondentes, nos relatos de primeiras vezes nas práticas não penetrativas. As diferenças nas idades tendem a aumentar (2 a 3 anos) nas práticas penetrativas (na boca e no ânus). Para entender o fenômeno, é preciso considerar que o *beijo na boca* e a *sarração* podem ser aprendidas na cena pública e facilmente imitadas na brincadeira, uma vez que estão presentes no cotidiano infantil, nos contos de fadas, nos desenhos, novelas televisivas e alhures.

Diferentemente, o *boquete* e o sexo anal-peniano são práticas que, na nossa sociedade, exigem privacidade para suas realizações. Além de carecerem de exposições públicas que sirvam de “tutoriais”,<sup>5</sup> requerem uma

---

<sup>5</sup> Queiroz (2013) mostra os usos das novas tecnologias de informação e comunicação, como internet e smartphones, na socialização sexual de crianças (8-12 anos) em uma escola pública na RMR. Os garotos tinham acesso a filmes pornôns em *lanhouses* ou por intermédio de familiares, baixavam para celulares e mostravam e/ou compartilhavam com os/as colegas na escola.





maior complexidade nos usos dos corpos, havendo a necessidade de ensino/aprendizado em que crianças mais velhas, e/ou mais experientes, apresentam as práticas às crianças mais novas (RIOS, 2004).

Outro organizador das parcerias sexuais é o gênero. Com Marcelo vimos a *criança veada*, os primos *cafuçuzinhos* e o *amigo normal*; com Paulo, os amigos *machões* que também *pegavam* meninas; com Márcio o *corpão* feminino e a caracterização da gestualidade e do sotaque masculinos do primo; com Giorgio, os meninos *heteros* – que aqui deve ser entendido como categoria de gênero e não sexual: meninos masculinos. As estilizações de gênero, atualizam entre os garotos HSH a heteronormatividade (BERLANT, WARNER; 1998), expressa no par masculino/feminino (RUBIN, 1993). Por meio delas o “casal reprodutivo” é reiterado, mesmo quando são dois garotos em interação sexual.

## Violações Dos Direitos Sexuais

Muitas das parcerias registradas no inquérito e nas narrativas configuram abuso sexual infantil. O relato de Giorgio permite pensar que mesmo em cenas sexuais em que participam crianças de mesmas faixas de idade, pode acontecer outra modalidade de violência sexual, em que meninos mais velhos, heteros, chantageiam e obrigam os mais novos a práticas sexuais que não gostariam de realizar. Situações mediadas pela estigmatização às homossexualidades, produtora do medo que os familiares saibam de suas brincadeiras.

Em que pese a necessidade de criar estratégias protetivas e de responsabilização à violência sexual contra crianças, vale ponderar com Chirandia e Nascimento (2018) sobre as ciladas do aparato jurídico no cerceamento da sexualidade infantil. Comentando a categoria “estupro de vulnerável”, de 2009, sugerem que este se constitui como:

um novo tentáculo judicial, um novo dispositivo legal que proíbe qualquer ‘ato libidinoso com menor de 14 (catorze anos)’ (Brasil, 2009). A lei presume que, até esta idade, não há escolha e que todo ato sexualizado é violento. De forma sutil, todas as crianças e parte dos adolescentes, os com menos de 14 anos, são enquadrados como vulneráveis no tocante à sua sexualidade. (...) colocando como transgressoras práticas sexuais sem violência que, até então, eram consideradas normais e saudáveis. (...) (212-213)





Ainda no âmbito da violação de direitos, estão as situações estigmatizantes experimentados nas famílias, vizinhanças, escolas, igrejas. Crenças religiosas cristãs fundamentalistas são as mais fortemente utilizadas para sustentar hierarquias de sexualidade (RUBIN, 1998), que entendem as práticas sexuais não reprodutivas como *abomináveis* e pecadoras.

O uso de coisas do feminino é um importante sinal para dar início às cruzadas morais de correção. Assim, a gestualidade de Paulo, que apontava para o desejo por garotos, também o tornava mais suscetível à discriminação e violência, presente em todos os seus contextos de desenvolvimento (família, escola, vizinhança), inclusive entre os próprios parceiros sexuais na infância.

A cicatriz é tamanha que na adolescência ele relata ter tentado suicídio. Outros de nossos interlocutores, como Marcílio, também relataram ideação suicida por dificuldade de se conceber como homossexual. Agravos que têm afetado mais recorrentemente as minorias sexuais (TEIXEIRA-FIHO; RONDINI, 2012).

Os resultados do inquérito são eloquentes sobre os efeitos da discriminação e violência vividas pelos nossos interlocutores; que inclusive têm associação estatisticamente significativa com estilização de gênero e com relatos de depressão, que mostram que os homens efeminados são os mais afetados pela estigmatização (RIOS et al, 2018). Certamente muitas das experiências de discriminação e violência na infância produzem marcas subjetivas pra toda vida.

## Emoções

Quatro emoções se mostraram importantes nas interações que nos foram narradas: *apaixonamento*, *amizade*, *tesão* e *confusão*.

Em sociedades em que o parentesco perdeu seu aspecto prescritivo positivo de dizer com quem casar, as pessoas são, desde muito cedo, apresentadas ao *apaixonamento* como a força motriz que produz a “vontade de estar junto” com alguém, diferente do arranjo familiar original, de modo a formar uma nova unidade reprodutiva: o casal (ALBERONI, 1987). O enredo amoroso será apresentado por meio de



contos de fada, telenovelas e uma infinidade de histórias do cotidiano. Narrativas que ensinam o certo e o errado das coisas (BRUNER, 1990), inclusive sobre gênero e sexualidade (RIOS, 2020).

Não obstante, é importante lembrar com o próprio Giorgio que, também muito cedo, os HSHs aprendem o interdito e o ônus da formação de parcerias homossexuais fixas. Ele diz que, para os homens gays, “*sexualidade vem antes da afetividade*”.

Acho que você como pesquisadora já deve ter percebido isso. A gente não tem primeiro namoradinho. Eu tive a sensação de, mas eu não poderia expor, eu não poderia, foi bem... E todos os meus amigos que eu conheço sempre passam mais pela sexualidade antes.

A reflexão de Giorgio faz sentido, especialmente quando comparamos os cursos sexuais dos HSHs com o de outras categorias sociosexuais. Jovens mulheres heterossexuais, residentes na RMR, relataram brincadeiras de *safadeza* na segunda infância, nos moldes dos relatados por nossos interlocutores HSHs. As experiências que atribuem como primeiras vezes (no sentido dado por Miguel) também vão ocorrer por volta dos 12 anos. No entanto, nestes casos ocorrem com namorados, em geral rapazes mais velhos (QUEIROZ; RIOS, 2013 e RIOS e QUADROS, 2019).

Em que pese o enredo romântico, os HSHs aprendem logo cedo a dissociar os prazeres amorosos dos prazeres sexuais e se iniciam sexualmente sem a expectativa de que esta aconteça numa parceria fixa (namorado, noivo, marido) (cf. RIOS, 2004). A possibilidade formar casal, comparadas a dos casais heterossexuais, são tardias, sujeitas a muitas ameaças na família e alhures, produtora de muito sofrimento psíquico (RIOS et al, 2018).

Mas, ainda assim, algo de afetivo permanece nas *brincadeiras e primeiras vezes*, e no lugar do *namoradinho* aparece o *amigo*. *Amizade* é o sentimento que usualmente caracteriza uma relação afetiva e voluntária, que envolve práticas de sociabilidade, trocas íntimas e ajuda mútua, em que há algum grau de equivalência ou igualdade entre as partes envolvidas (REZENDE, 2002).



Nas narrativas analisadas, a *amizade* capaz de engendrar *safadeza* inclui eroticidade como importante forma de sociabilidade, que para emergir necessita de um aumento na *confiança* recíproca sobre a garantia do sigilo sobre a *safadeza*. A *amizade* conferiria *cumplicidade* e *segurança: proteção* à hostilidade da sociedade para viver o *tesão*. Mas, nem sempre o ideal se realiza; podendo ocorrer falhas na horizontalidade, na *confiança* e no sigilo – como mostra a profunda mágoa de Paulo com os meninos machões da rua de sua avó; ou a queixa sobre os meninos mais velhos, heteros, da narrativa de Giorgio.

A categoria *Tesão* tem a ver com os prazeres advindos da excitação sexual e pode ocorrer por diferentes vias sensoriais e/ou mnemônicas (PARKER, 1991). Significa o desejo produzido pelas estilizações corporais e os prazeres do friccionar corpos. As estilizações mais recorrentes para a produção de *tesão* foram as de gênero e as de idade.

Já mostrei que as estilizações de gênero estão fundadas na heteronormatividade da sociedade abrangente, produz *tesão* e faz interagir meninos masculinos e meninos femininos. Também já apontei a importância das diferenças de idade na formação de parcerias. Sobre isso, quero ainda ressaltar que, muitas vezes, os meninos também sentem *tesão* por homens adultos – vide os relatos de Marcelo e de Miguel. Dizer isso não significa que concordemos com esta modalidade de sexo intergeracional. Pelo contrário, constatar a recorrência desse tipo de desejo pode contribuir para melhor qualificar as estratégias de garantia e combate à violação dos direitos sexuais de crianças.

Por fim, quero discutir mais uma emoção: a *confusão*. Ela se produz num jogo difuso entre sensações corporais e sistemas de significação. Nos percursos de vida, as crianças vão tendo mais e mais experiências de *tesão* e, *pari passu*, o aumento da tomada de consciência (significação e valor) sobre elas. Quase sempre significados e valores que lhes são atribuídos por narrativas que desqualificam o *tesão* que experimentam e estilizações de gênero que lhes são associados.

Desse modo, *confusão* é corolário das forças estigmatizantes que ferem e produzem frágeis cicatrizes, expressas em depressões, ideações e tentativas de suicídio, comentadas no final do item anterior.



Salvo raras exceções, na infância há a quase completa ausência de narrativas alternativas às hegemônicas que signifiquem e valorem o *tesão* dos garotos por garotos ou o gostar de usar coisas de meninas como plausíveis e positivas. Entre os jovens do Rio de Janeiro que escutei no início dos anos 2000, a positividade do desejo com homens só chegaria com o aumento da capacidade de circular mais livremente para longe de suas casas e, especialmente, com a entrada de amigos gay-identificados em suas redes de sociabilidade, especialmente as formadas nas escolas (RIOS, 2004).

## Considerações Finais: Por Direitos Sexuais Na Infância

Discuti as experiências sexuais na infância relatadas por HSHs da RMR. Processos de descoberta sobre si e sobre os prazeres corporais, vividos entre *amigos*, com *apaixonamentos* e muito *tesão*; embora, na maioria dos casos, profundamente marcados por estigmatizações, geradoras de *confusões* sobre o que sentem e sobre si mesmos. Por isso, quero finalizar este texto apontando para a necessidade de construção de ações que garantam os direitos sexuais das crianças com práticas homossexuais e transexuais (JIMENEZ, ASSIS, NEVES, 2015).

Um ambiente vocacionado para isso é o escolar, com relevo para a educação básica, que, por dever de ofício, precisa se posicionar a partir de conhecimentos científicos e normas jurídicas que favoreçam o desenvolvimento integral das crianças (FINCO, 2012). Seria um lugar propício para fomentar as mudanças de mentalidade requeridas para a positividade das diversidades de sexualidade e de gênero.

Não obstante, a escola ainda é pautada por e para heteronormatividade, e funciona como uma verdadeira máquina de triturar *crianças veadas*, inclusive convocando os familiares a se aliarem em práticas profundamente opressoras (FINCO, 2012; MILIORINI, BRASIL, 2018; MAIA, SPAZIANE, 2010; COSTA, VENÂNCIO, 2015). Por tudo isso, é preciso dar um passo atrás no planejamento das ações e colocar as escolas e educadores como os beneficiários diretos das ações,



de modo a se requalificarem teórico e pragmaticamente para a lida com a garantia e promoção dos direitos sexuais na infância (BRASIL, 2004).

Na linha de dar visibilidade a instrumentos de mudança já disponíveis, temos um conjunto de novas narrativas na literatura infantil (RAMOS, 2010; FREITAS, PAREIRA, 2013). Elas reasseguram para as crianças com desejos e/ou práticas homossexuais que aquilo faz, positivamente, parte do humanamente esperado. Quando utilizados entre crianças, educadores e familiares, heterossexualmente posicionados, colabora na sensibilização por uma sociedade acolhedora das diversidades sexuais e de gênero.

A incorporação da temática no debate público por meio das velhas e novas mídias também podem favorecer alternativas de significação para os discursos de ódio fortemente presentes na nossa sociedade (OLIVEIRA, MACHADO, 2019). Por isso mesmo, um passo mais incisivo, requerido dos poderes públicos, é o de coibir a desinformação e o ódio relacionados à diversidade sexual e de gênero (BRASIL, 2004).

Em vistas de responder duas outras violações de direitos, a violência sexual e a vulnerabilidade ao HIV, é preciso se antecipar às experiências sexuais das crianças, em ações de educação sexual que informem sobre prevenção em saúde sexual e proteção contra violência sexual, de modo que o início das experiências sexuais se dê de modo seguro e livre de assédio e abuso sexuais (BRASIL, 2004, 2013b).

Nesse contexto, é importante aprofundar as reflexões psicossociais, éticas e jurídicas sobre as medidas de proteção à infância no que se refere às práticas sexuais propriamente ditas (JIMENEZ, ASSIS, NEVES, 2015). É necessário o cuidado para que, sob a alegação de “melhor interesse da criança”, não tolhamos muito da experimentação sexual infantil (CHIRANDIA E NASCIMENTO, 2018) As experimentações corporais e a descoberta dos prazeres sexuais na infância são parte importante da construção subjetiva, por meio das quais os sujeitos vão dando sentido a si mesmos e se localizando na tecitura social.

## Referências

ALBERONI, Francesco. *Enamoramento e amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.



BERLANT, Lauren; WARNER, Michael. Sex in Public. *Critical Inquiry*, v. 24, n. 2, p. 547-566, 1998.

BLANCHET, Alain; GOTMAN, Anne. *L'enquête et les méthodes: l'entretien*. Paris: Armand Colin, 1992.

BRASIL. Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual. Brasília. Ministério da Saúde/Conselho Nacional de Combate à Discriminação, 2004. Disponível em [http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Brasil\\_sem\\_homofobia.pdf](http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Brasil_sem_homofobia.pdf). Acesso em: 20 maio 2022.

BRASIL. *Boletim Epidemiológico - Aids e DST*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013a.

BRASIL. Política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Brasília: Ministério da Saúde, 2013b.

BRASIL. *Boletim Epidemiológico - Aids e DST*. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRUNER, Jerome. *Actos de significado*. Lisboa: Edições 70, 1990.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que Importam*. Buenos Aires: Paidós, 2014.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CHIARADIA; Cristiana de França; NASCIMENTO, Maria Lívia do. Sexualidade infantojuvenil e judicialização. *Rev. Polis e Psique*, v. 8, n. 3, p. 210 – 224, 2018.

COSTA, Elis Regina; VENÂNCIO, Claudiane. Investigando a sexualidade infantil a partir do relato de educadores. *Laplage em Revista (Sorocaba)*, v.1, n.3, p. 130-142, 2015.

ELDER, Glen. The life course as developmental theory. *Child development*, v. 69, n. 1, p. 1-12, 1998.

FINCO, Daniela. Homossexualidade e educação infantil: bases para a discussão da heterossocialização na infância. *Gênero*, v.12, n.2, p. 47-63, 2012.

FREITAS, Mirian; PEREIRA, Sônia Marta Coelho. a homossexualidade no universo infantil de Gulliver. *Cespuc Belo Horizonte*, v. 22, p. 58-67, 2013.

FREUD, S. *Freud (1923-1925) - Obras completas volume 16: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos*. São Paulo: Companhia das letras. 2012.





FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982..

GREEN, James. *Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2002.

GUIMARÃES, Mark Drew Crosland et al. Comparing HIV Risk-related Behaviors between 2 RDS National Samples of MSM in Brazil, 2009 and 2016. *Medicine*, v. 97, n. 1S: S62- S68, 2018.

JIMENEZ, Luciene, ASSIS, Daniel Adolpho Daltin e NEVES, Ronaldo Gomes Direitos sexuais e reprodutivos de crianças e adolescentes: desafios para as políticas de saúde. *Saúde em Debate [online]*, v. 39, n. 107, pp. 1092-1104, 2015. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0103-110420151070385>. Acesso em: 20 maio 2022.

JUNG, Carl. *Fundamentos de Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; SPAZIANI, Raquel Baptista. Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. *Revista linhas*, v. 11, n. 01, p. 68 – 84, 2010.

MILIORINI, Maycon Francisco; BRASIL, Ana Paula. Homossexualidade na educação: perspectiva docente. *Revista Brasileira de Educação Básica*, v. 3, n. 11, p. 1-9, 2018.

OLIVEIRA, Arize; MACHADO, Monica. Mídias Digitais e Reações Negativas às Campanhas Publicitárias LGBT. *Consumer Behavior Review*, v. 3, n. Special Edition, p. 14-23, 2019.

PARKER, Richard Guy. *Corpos, prazeres e paixões*. Rio de Janeiro: Rooco, 1991.

QUEIROZ, Tacinara Nogueira de. *Significados de sexualidades entre crianças em uma escola municipal de Cabo de Santo Agostinho - PE*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

QUEIROZ, Tacinara Nogueira de; RIOS, Luis Felipe . Ninguém é de ferro frente aos prazeres da carne: organização da sexualidade entre mulheres jovens de um bairro popular do Recife. In: MENEZES, Jaileila de Araújo; COSTA, Mônica Rodrigues; ARAÚJO, Tatiana Cristina dos Santos de. (Org.). *JUBRA: territórios interculturais de juventude*. RECIFE: Editora Universitária da UFPE, 2013. p. 309-324.

RAMOS, Ana Margarida. Saindo do Armário – Literatura para a infância e a reescrita da homossexualidade. *Forma Breve*, n. 7, p. 295-314, 2010.



REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. *Mana [online]*. v. 8, n. 2, pp. 69-89, 2002. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-93132002000200003>. Acesso em: 13 Maio 2022.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. "Brincar de osadia": sexualidade e socialização infanto-juvenil no universo de classes populares. *Cadernos de Saúde Pública, [online]*, v. 19, suppl 2, p. 345-353, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000800016>. Acesso em: 13 Maio 2022.

RIOS, Luís Felipe. Da hierarquia à igualdade? Parcerias sexuais, estilizações de gênero e classes sociais entre homens com práticas homossexuais. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*. No prelo.

RIOS, Luís Felipe et al. "Foi como se a gente tivesse visto a morte?": estigmatização, sofrimento psíquico e homossexualidade. *Laplage em Revista*, n. 4, p. 140-158, 2018.

RIOS, Luís Felipe. *O feitiço de Exu: um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro*. 2004. 300 f. Tese (Doutorado) - Curso de Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/311667714> O Feitico de Exu um estudo comparativo sobre parcerias e praticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas eou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro. Acesso em: 13 Maio 2022.

RIOS, Luís Felipe. *Era uma vez... Memórias de um escutador de histórias interpelado pela pandemia da Covid-19*. 2020. Memorial (Professor Titula) – Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2020. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/350756069> Era uma vez Memórias de um escutador de historias interpelado pela pandemia da Covid-19. Acesso em: 13 Maio 2022.

RIOS, Luís Felipe; ADRIÃO, Karla Galvão. Sobre descrições, retificações e objetividade científica: reflexões metodológicas a partir de uma pesquisa sobre condutas sexuais e HIV/aids entre homens com práticas homossexuais. *Saúde e Sociedade [online]*, v. 31, n. 1, p. e210427, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902022210427>. Acesso em: 13 Maio 2022.

RIOS, Luís Felipe; MENEZES, Jaileila et al. *O enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes no Sertão do Araripe pernambucano*. Recife: EdUFPE, 2009. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/360716785> O Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes no Sertao do Araripe Pernambuco. Acesso em: 13 Maio 2022.



RIOS, Luís Felipe; QUADROS, Marion Teodósio de. Gênero, sexualidade e reprodução no curso de vida de mulheres jovens da Região Metropolitana do Recife. *Contemporânea (online)*, v. 9, p. 465-491, 2019.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: SOS Corpo, 1993.

RUBIN, Gayle. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: NARDIR, P.; SCHNEIDER, B. (org.) *Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader*. London: Routledge, 1998.

SPERHACHE, Rosa Dea et al. (2018). HIV prevalence and sexual behavior among young male conscripts in the Brazilian army, 2016. *Medicine*, v. 97, n. 1S Suppl 1: S25-S31.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra. Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Saúde e Sociedade [online]*, v. 21, n. 3, p. 651-667, 2012. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902012000300011>>. Acesso em: 19 maio 2022.

UNFPA-BRASIL Apesar da redução dos índices de gravidez na adolescência, Brasil tem cerca de 19 mil nascimentos, ao ano, de mães entre 10 a 14 anos. UNFPA-Brasil. Notícia 23 de novembro de 2021. Disponível em <https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/apesar-da-redu%C3%A7%C3%A3o-dos-%C3%ADndices-de-gravidez-na-adolesc%C3%Aancia-brasil-tem-cerca-de-19-mil>. Acesso em: 19 maio 2022.

VALENTE, Thomas. *Social networks and health: Models, methods, and applications*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

VIEIRA, Monica. Anjo ou demônio: posições dos conselheiros tutelares sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes. In: RIOS, Luís Felipe; MENEZES, Jaileila de Araújo (org.). *Violência sexual contra crianças e adolescentes: reflexões sobre condutas, posicionamentos e práticas de enfrentamento*. Recife: EdufpeCap. 6. p. 77-90, 2009.. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/360716598\\_Violencia\\_sexual\\_contra\\_crianças\\_e\\_adolescentes\\_reflexões\\_sobre\\_condutas\\_posicionamentos\\_e\\_práticas\\_de\\_enfrentamento](https://www.researchgate.net/publication/360716598_Violencia_sexual_contra_crianças_e_adolescentes_reflexões_sobre_condutas_posicionamentos_e_práticas_de_enfrentamento). Acesso em: 19 maio 2022.

## “The Flower Of Maturity”: Childhood Sexual Experiences In The Narratives Of Men Who Have Sex With Men In The Metropolitan Region Of Recife-PE

**ABSTRACT:** The text discusses results about childhood sexual experiences. Analyze survey conducted with 380 men who have sex with men (MSM) and narrative interviews with twenty of the survey respondents. The first sexual experiences occurred in second childhood and had the sense of play. Up to 12 years of age, 46.8% of the respondents reported having had their first kiss on the mouth, 46.3% had performed mutual caresses and 36.3% had performed solitary masturbation. The penetrative practices (oral and anal sex) had lower frequencies, concentrating around 12 years of age. In the narratives, penetrative practices were related to a subjective repositioning, in which children were more aware of the meanings of sexuality in the adult world, felt physically and subjectively ready (they dominated malice) to have sex with other boys, usually older friends. The analysis points to the centrality of gender and age stylizations in the formation of desires and partnerships. It also draws attention to the stigmatizing attacks of the family, neighborhood, church and school, whose effect is expressed in the feeling of confusion and produces a variety of subjective scars, such as depression, ideations and suicide attempts. Situations that call for robust actions to guarantee the sexual rights of children with homosexual and transgender practices.

**KEYWORDS:** Childhood. Homosexual Practices. Sexual Rights. MSM. Mem.

**Luís Felipe RIOS**

*Professor Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, onde coordena o Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana – LabEshu. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, possui graduação em Psicologia (UFPE), mestrado em Antropologia (UFPE) e Doutorado em Saúde Coletiva (IMS/UERJ).*

*E-mail: [lfelipe.rios@gmail.com](mailto:lfelipe.rios@gmail.com)*

*ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0767-7845>*

*Recebido em: 30/05/2022*

*Aprovado em: 06/06/2022*